

Nei Sroulevich



No Brasil de hoje, a mediocridade vive dias de festa. Sustentando e sustentando-se no projeto de inserção subordinada de nossas elites econômicas ao sistema global de reprodução do capital, uma variegada produção discursiva que advoga a passividade, o pensar pequeno, a aversão ao risco, domina a cena e perpassa todos os debates, ganhando corações e mentes os mais insuspeitos. A ortodoxia traveste-se de ‘responsabilidade’; invenção e ousadia, nesse contexto, viram sinônimo de inseqüência, de anacronismo, de saudosismo senil.

Nesse Brasil mentalmente infantilizado, apequenado, domado por preocupações primárias com *superávits*, sempre com medo de ser ‘posto de castigo’, é ainda mais doloroso perder um de nossos delirantes mais incorrigíveis. Pois assim era **Nei Sroulevich**: gaiato, bonachão, generoso e expansivo até no porte, esse sonhador incoercível era pouco versado nas virtudes da prudência e do comedimento. Jornalista, chefe do escritório da revista *Manchete* em Paris (de 64 a 73), dedicou-se de corpo e alma à causa do cinema, num país ainda hoje algo vacilante em apostar nesse ramo de sua produção cultural. Rodou o mundo, às vezes com pesadas latas

de filme sob os braços, vendendo o peixe do cinema brasileiro. Em 1973 produziu *Joanna Francesa*, de Cacá Diegues, estrelado por Jeanne Moreau: no ano seguinte foi a vez de *Getúlio Vargas*, de Ana Carolina, primeiro documentário brasileiro de longa-metragem. Produziu também *A Queda* (1976), de Ruy Guerra, e o derrisório *Se Segura Malandro* (1978), de Hugo Carvana, entre outros.

Em 1984, Nei concebeu um festival de cinema. Não bastasse essa pretensão já de si problemática, dificultosa, quase inconcebível, ele cismou de dar-lhe essa forma e esse nome que, na lembrança de quantos o conheceram, haverão de figurar sempre como um retrato de sua personalidade: “Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo do Rio de Janeiro”. Pois o FestRio existiu, fez história, e reeditou-se até 1989 (naquele ano, todos sabem, assume a presidência do Brasil o primeiro Fernando, que, dando início à sua inesquecível obra política, dissolve a Embrafilme, onde Nei ocupava o cargo de diretor comercial).

Fica aqui registrado preito de saudade de C&P a esse militante do cinema e do socialismo, amigo de Cuba e dos cubanos, colaborador de longa data do CEBELA, antítese do autismo tecnocrático.

Pedro Amaral